

A COMUNICAÇÃO, O OUTRO E O DEVIR

THE COMMUNICATION, THE OTHER AND WHAT IS TO COME

Adair C. Peruzzolo*

Resumo

No presente texto, analisamos algumas implicações que a concepção de comunicação, a saber, da comunicação como relação, que se institui entre sujeitos que avaliam o valor para si do que se propõe em mensagem, refletem sobre as condutas (um valor de educação) e sobre os papéis dos sujeitos, que se encontram nela. O modelo de comunicação, que apresentamos, primeiro que tudo propõe um lugar para os sujeitos implicados num processo dotado de estratégias, por vezes, limitadas e, por outras, enganadoras, de sobrevivência e desenvolvimento de seus 'eus'.

Palavras-chave: Comunicação humana; Reciprocidade na comunicação; Comunicação Simbólica; Teoria da Comunicação.

Abstract

In the present text the analysis covers some implications that the concept of communication as relation, which is settled between subjects that value the worth to itself of what is proposed in message, reflect over behaviours (a value of education) and over the role of subjects that find themselves in it. The model of communication presented, first of all suggest a place for the subjects implicated in a process filled with strategies, sometimes restricted and other times deceitful, of survival and development of their "selves".

Keywords: Reciprocity in communication; Symbolic communication; Communication theory; Human communication.

Primeiramente, um alerta ao leitor: o texto, que aqui apresentamos, segue o que propusemos em outro artigo publicado pela Revista '*Sociais e Humanas*', em outra oportunidade¹. Por outro lado, se alguma idéia idealista perpassa este e aquele trabalho com seus pensamentos, e também nossa cabeça e profissão, é porque tentamos influir na ação de responsabilidade social dos mídias e de toda forma de comunicação. Sonhamos com um pensamento e uma ação preocupados com a credibilidade e qualidade desejadas para os Meios de Comunicação Social; e também com os cuidados, diríamos, ecológicos da consideração da '*presença humana em tudo isso*'².

* Prof. Titular nos Cursos de Comunicação social da UFSM; Mestre e Doutor em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ; e Pós-Doutor com estágio desenvolvido na Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha.

Os estudos, pesquisas e debates têm proposto nuclearmente duas concepções para a comunicação humana (GAMBARDELLA, 2001, p. 6): a comunicação como transmissão de informações e a comunicação como diálogo. A comunicação tomada como processo de transmissão enfatiza o papel preponderante do pólo emissor e nada diz do sujeito destinatário senão a sua atitude passiva de acolhedor. As relações humanas do comunicar não são pensadas em nível de paridade ou correspondência na construção do sentido. Por sua vez, a comunicação como diálogo serve aos ideais de uma sociedade aperfeiçoada, mas não se presta aos exames da atualidade das relações humanas e sociais. Apenas um projeto.

Nosso empenho é pensar os objetos de comunicação, aquilo que conhecemos como mensagens ou textos, na dimensão representativa de valores de uso e de base enrolados no discurso que é proposto à leitura. Nesses termos de consideração, não há como produzir sentido humano nos fenômenos de comunicação cuja dinâmica seja regida pela mecânica do processo onde a ação dos sujeitos implicados nele depende apenas da posição superior de quem está habilitado a dirigir a palavra. A comunicação, antes de ser tomada como uma técnica, precisa ser pensada a partir do que é ela para os seres que a usam, isto é, uma relação fundamental no exercício da vida e da cooperação para a sobrevivência e a construção dessas condições. “*Ser significa comunicar*”, diz Bakhtin (apud GAMBARDELLA, 2001, p. 60).

Para Benveniste (2006, p. 222), “*bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver*”. Nós diríamos: a linguagem serve para viver, isto é, ela é um instrumento de vida - o principal deles, na cultura - porque ela faz o melhor da comunicação. Quer dizer, é por que a linguagem é um instrumento de comunicação, que ela serve primeiro para viver.

Numerosos autores a tomam como propriedade fundamental de todo ser vivo, tal como Attali (1975), que diz que a comunicação é a propriedade fundamental de todo vivente, e a Biologia Molecular (MORIN, 1975), que toma a célula como uma complexa rede de comunicações. Todavia, nós reservamos a categoria conceptual de ‘comunicação’ para os processos relacionais entre seres dotados de percepção, por cuja ação chegam à representação mental do valor que os move, e deixamos a de ‘informação’ para a cobertura dos processos aquém dos fenômenos perceptivos (PERUZZOLO, 1999), tais como aqueles nomeados pela Biologia, Neurobiologia, Química, Física, Cibernética, e etc³.

O conceito de comunicação tem-se prestado, e se presta ainda hoje, para muitos usos e fins, donde também a existência de muitas ambigüidades e divergências. Entretanto, para uma proposta que implica pretensões teórico-metodológicas, esse conceito-suporte tem suma importância, e não pode senão ser coerente e adequado, pois, os conceitos respondem sempre a modos como cada um olha dado fenômeno (aqui, no caso, o da comunicação) e, nesse sentido, eles são sempre importantes⁴.

Os conceitos, como diz Deleuze (1998), são intensidades - como as cores, os sons, as imagens - que em certos momentos crescem, noutros enxugam, alhures resplandecem, depois, convêm ou não convêm, que passam ou permanecem... Entretanto, tal como pensa Granger (apud BARTHES, 1975) quando diz que “*um conceito, certamente, não é uma coisa, mas não é tampouco somente a consciência de um conceito*”; e que “*um conceito é um instrumento e uma história, isto é, um feixe de possibilidades e de obstáculos envolvidos num mundo vivido*”, nós também julgamos que o conceito que fazemos de algo é acima de tudo o suporte da explicação dos fenômenos que analisamos. Não podemos falar de valor humano e de relações humanas quando apostamos que o que acontece entre duas pessoas é, por exemplo, o exercício de uma influência ou a mera transmissão de uma informação.

1. COMUNICAR É BUSCAR O VIR-A-SER

Alguns teóricos gostam de conceituar a comunicação pelo que ela apresenta de melhor, isto é, pela sua excelência. Assim, dizem que ela é diálogo, que comunicação é partilha; que viver em sociedade é comunicar-se, que ela é a respiração de uma sociedade, que ela é um processo de trocas, etc. Tais conceitos, já mais elaborados, pressupõem exatamente a consciência da comunicação e representam um estágio idealizado dela. Pessoalmente gostamos de trabalhar e, por isso, optamos por conceituar a comunicação pelo seu reduto limítrofe inicial, pelo seu mínimo. Não pelo seu máximo, por sua excelência, por seu conceito pleno, como são diálogo e partilha, mas pelo seu conceito menor e mais necessário, isto é, por aquelas coisas sem as quais não pode existir comunicação, a saber, a relação e o meio de fazer essa relação.

Quéré (1991) diz que há duas concepções de comunicação: a epistemológica, que raciocina em termos de produção e transferência de informações e conhecimentos sobre o mundo e as pessoas; e outra, praxeológica, que a pensa em termos da constituição de um mundo comum pela ação, pela construção social da realidade. Neste último sentido, a natureza da comunicação pertence à esfera da ação e da experiência. Procurando engajarnos nesse conjunto de pensadores, tomamos a comunicação, primordialmente, no seu caráter fundamental de relação. Na sua definição mínima, não na sua definição plena, mas na sua forma primeira e suficiente, ela é uma relação. Uma relação entre um sujeito que procura de alguma forma um encontro com alguém e que, por sua vez, é também um procurado. Fazendo essa ligação entre o sujeito comunicante primeiro (A), que busca a alguém, e um sujeito comunicante segundo (B), que também busca a um outro que quer encontrar, está o meio de comunicar, que denominamos mensagem (no nível simbólico humano, texto e também discurso). Dito de maneira funcional, estes - texto, mensagem, discurso - são os meios de entrar em relação de comunicação. O meio é exatamente aquilo que organizamos para nos relacionarmos com o outro e significar-lhe algo.

Todavia dissemos: um comunicante que busca a alguém e que, entretanto, é também ele um procurado. Sim, porque a mensagem, que A organiza, precisa ser uma resposta à necessidade do outro para a qual ele (B) possua competências de decodificação e/ou se exponha ao estímulo que ela significa. Não sendo assim, não há a interpenetração dos códigos pela ação dos quais 'A' busca parcerias necessárias à sua sobrevivência, resolvendo os conflitos que resultariam na sua ruína e morte. Por isso, no caso humano, devido às suas faculdades simbólicas, a resposta à necessidade do outro adquire múltiplas facetas e dimensões, a maioria delas diferidas ou recobertas por disfarces de investimentos culturais. É por este conjunto de intencionalidades, que se compreende a natureza recíproca da comunicação: a mensagem é primeiro que tudo resposta à necessidade do outro para a necessidade própria. Daí que a comunicação é a propriedade fundamental da vida, a que faz ser, a que a torna possível e desenvolvida.

Nos tempos do grande império romano, a comunicação estava ligada a vias, estradas e rotas marítimas. Vai ser o pergaminho que vai influir no remanejamento desse conceito de rotas para algo que se manda dizer. Assim que a comunicação se torna um ato e uma ação; uma ação que põe em relação seres que se buscam. Então, o homem começava a

compreender que aquilo a que ele denominava ‘comunicação’ era um processo e que o seu grande significado estava na relação, que ele estabelecia.

Quando duas pessoas se comunicam, há um relacionamento entre uma pessoa e outra pessoa. Esse relacionamento se faz mentalmente por uma representação da outra pessoa, e concretamente pela representação de uma mensagem, exprimindo um certo valor, uma certa matéria de interesses comuns, que se tangem, mas não necessariamente se fundem. Assim, há também uma representação da mensagem com a qual se constroem os laços de encontro na relação de comunicação. Comunicar no nível humano (em qualquer nível a estrutura é a mesma) é estabelecer uma relação entre uma pessoa e outra para compartilhar uma mesma mensagem que, sendo um conjunto de representações de valores, serve de ponto de passagem para as significações que tocam a ambos. O desenho rupestre de um bisão materializa representações do homem das cavernas, representação que subtende as relações privilegiadas (que ele privilegiou) na procura do exercício de vida. A impressão de um livro materializa representações que se fazem na cabeça dos homens que o produzem ou o reproduzem pela sua leitura.

Faço um gesto. Há uma relação que define o gesto: relação entre o sujeito que faz o gesto e o gesto feito. Esse gesto carrega em si o investimento de desejos e sentimentos do sujeito para o outro que recebe a mensagem, ou seja, esse meio relacional vem densamente investido (essa é a representação) pelo sujeito primeiro, que se relaciona a esse meio para poder relacionar-se, depois, através dele, com o outro. Então, a relação vai ser regida por uma representação, que faz a qualidade da comunicação.

A relação de comunicação parte do desejo e da necessidade de se comunicar com o outro, de uma forma primordial, para a sua sobrevivência, pois, a relação buscada é função da força de impulsão da vida com vistas a constituir-se. Tem na base o desejo e as necessidades. Assim, a relação mais vital é a relação de comunicação, que organiza e ampara a conservação do indivíduo em vista da conservação da espécie. E a representação, em vista do seu caráter de investimento afetivo e operacional na relação, passa a definir a qualidade dessa comunicação. Logo, o que faz que uma relação seja comunicação e o que faz a sua qualidade é a representação como meio de comunicar.

Quando dizemos que a comunicação se funda no desejo e na necessidade de encontrar o outro, pela força genética da sobrevivência da espécie, também afirmamos um pressuposto sociológico, o de que as sociedades humanas se compõem de indivíduos comprometidos no ato de viver. É essa dimensão sociológica que fundamenta o universo do comunicável no mundo humano. Essa é também a questão dos limites da cultura e universo das significações para o homem.

As pessoas vivem num mundo de objetos, e os significados destes se formam, se sustentam, debilitam e/ou transformam através de processos comunicacionais que realizam as interações sociais entre os indivíduos que participam da comunidade comunicativa. No atual estágio de desenvolvimento da humanidade, a multimídia se constitui num novo desafio (GAMBARDELLA, 2001), na medida em que os jogos de linguagem impõem a necessidade de novas competências de negociação dos sentidos.

O ver, o fotografar, o dizer, o escrever, o desenhar, o televisionar são relações. Relações que são meios. O que se quer dizer a uma pessoa vai passar pelo dito, pela palavra e, hoje, de forma mais substancial, pela imagem. Esse dito, essa imagem, é a representação daquilo que se pretende dizer/mostrar. Agora, essa representação, que é o significar, é uma estrutura de relações: uma relação com aquilo que se diz e com aquele a quem se diz. Assim, no nível da representação, eu me relaciono à linguagem, e essa linguagem é o meio de comunicar, que põe sujeitos ativos no desenvolvimento de um mesmo evento, o que chamamos comunicação.

É nesse sentido que cabe à mensagem, no nível humano, aquilo que Barros (1997) diz do discurso: “*O discurso define-se, ao mesmo tempo como objeto produzido pela enunciação e como objeto de comunicação entre um destinador e um destinatário*”⁵. É exatamente isso o meio de comunicar: é uma produção de um sujeito primeiro e um meio de conectar-se com um sujeito segundo. Bakhtin exprime isso na categoria de dialogismo, tomando-o como a forma, o meio e o produto da enunciação.

Assim quando um sujeito destina um texto para um outro sujeito, procurando ou ocasionando relação com ele, essa mensagem é um conjunto de elementos representantes dele. Representa-o, seja porque ele os organizou de uma forma intencional seja porque ele os escolheu desinteressadamente, para que assim cheguem e despertem o interesse e

significados no outro sujeito. Desse modo, o outro se torna parceiro na plenificação do que ele diz, isto é, da arrumação do objeto da comunicação. Por isso a mensagem é, de um lado, um objeto produzido por alguém para alguém e, de outro, o objeto da comunicação.

O sujeito, ao procurar uma relação de comunicação, vai primeiramente relacionar-se com sua obra, isto é, precisa escolher elementos para compor - codificar - a mensagem (a Semiologia dos Discursos analisa isso como um fenômeno fundamental e complexo, chamado 'Enunciação'). Como faz isso? - Ele tem desejos e necessidades (a grosso modo) a locupletar, então, efetua certas suposições a respeito da forma de ser e de comportamento do destinatário e organiza o objeto de comunicação nos moldes de um percurso persuasivo, com o intuito de capturar esse sujeito necessário ao seu sobreviver. Assim que comunicação é eminentemente um encontro, e seu protótipo é, como afirmam Deleuze e Parnet (1977), a conversa, cujo fundamento é o manejo cooperativo dos significados e a produção cooperativa de sentidos.

Se o texto é o arauto de um sujeito comunicante - precisamos sempre lembrar que o enunciado, mais que algo dito, é um ato de fala - o destinatário de uma mensagem também poderá fazer certas conjecturas a respeito dessa subjetividade, analisando o seu discurso. E como esse destinador se representa o destinatário, é também possível ter indicativos das idéias e conjecturas (representações) que ele tem do destinatário de sua mensagem. Isso é importante por que o texto se apresenta tanto como um objeto de significação, que permite o exame dos procedimentos e mecanismos que o tecem, quanto na forma de objeto de relação, por meio do que ele se localiza entre os fenômenos culturais, inserido dentro de uma sociedade, fazendo parte de suas forças constitutivas. Nesse sentido, ele apresenta condições sócio-históricas de existência e produção. *“Assim, todo discurso, antes de testemunhar as coisas do mundo, testemunha uma relação ou, mais exatamente, testemunha o mundo testemunhando uma relação”*, diz Charaudeau (1997, p. 42).

2. A PRODUÇÃO COOPERATIVA DOS SENTIDOS

A comunicação é reciprocidade em razão da bipolaridade das necessidades, que coloca os comunicantes numa relação de forças. É assim que comunicar significa sair do próprio

círculo individualizado e estabelecer relações com os outros. “A *comunicação*, diz Gambardella (2001, p. IX), *é a grande aventura do existir: cheia de riscos, infinita, de retornos incertos*”, pois, se o comunicante necessita da mensagem para buscar o outro, necessita também de uma ação sobre o outro para sobreviver e fazer-se. Jonas (2004, p. 25) explica que “*o desejo encontra-se na raiz da caça, o medo na raiz da fuga*”. Essa realidade que friamente admitimos para o animal, no homem precisa ser uma postura diferente, em razão da consciência que assume perante o mundo. Seu agir será, então, não uma ação sobre o outro mas um agir-com-o-outro.

Xifra-Heras (1975, p. 8) sugere algo dessa intuição quando afirma que “*o processo de comunicação pressupõe uma ação recíproca de projeção e introjeção. Aspira a despertar, em outras consciências, imagens, conceitos, idéias, sentimentos, atitudes ou qualquer tipo de efeitos físicos*”. É assim que a força de natureza recíproca da mensagem busca a interação que fundamenta e constrói a vida social. A reciprocidade natural da mensagem está muito explicitamente manifesta na luta pela vida (*‘struggle for life’*).

A presença do inimigo - e também a caça - é lida no odor que este deixa no ambiente; que é também a distinção entre o familiar e o estranho; há também a representação da ameaça na exibição dos dentes, no inchaço do corpo, do eriçar dos pêlos, etc.; o rito da corte; dos comportamentos de não agressão, dos gestos de apaziguamento, etc., como explica Lorenz (1969, p. 123): “*o combate é precedido por gestos de ameaça que (...) têm sempre sua origem no conflito entre pulsão de agressão e fuga*”; o que significa dizer, pois, que a comunicação é atravessada pelas relações de força. Mas não se trata de um jogo de cartas marcadas e, sim, de forças de atuação definidas in loco, a cada instância, onde os elementos em jogo na comunicação ganham seus pesos reais. Não poucas vezes a força da astúcia e o engodo valem mais que a força bruta... Assim que, aquilo que a Teoria da Comunicação nomeia como sendo mensagem, movimenta não só uma informação sobre aquilo que versa, mas também diz algo a respeito do sujeito que a propõe. É assim que as relações de comunicação jogam os seres comunicantes na rede de interdependências, cuidados e estratégias pessoais e sociais de coexistência na biocenose⁶.

As relações de comunicação, a continuidade dessas relações exige e se desenvolve sobre as bases de estados emotivos: a esperança e a confiança; esperança, porque o valor da

relação se define em função do vir-a-ser; e confiança, porque a relação se funda num pacto de mútua responsabilidade. A confiança diz que a esperança não pode ser traída no percurso da comunicação, porque isso decretaria o rompimento da relação que, então, frustraria o que cada um investiu nessa ação em vista de seus sonhos de ser...

A concepção de comunicação como troca ou intercâmbio somente é aceitável na medida em que procura explicitar ações de agenciamento entre os comunicantes. Por isso Greimas e Courtés (1979, p. 114) dizem que a troca é *“uma das formas de comunicação”*; e Sodré (1996, p. 19) lembra que comunicação *“não   rela o intuitiva entre ‘eu’ e ‘tu’*. * , sim, a partilha, no discurso, da disposi o e da compreensão enquanto modalidades temporais da existência (...) que constituem a abertura do ser-no-mundo”*.

Os sujeitos da comunica o não alcançam compreensão mútua senão indiretamente, através de algo objetivo, que não   eles mesmos; e que não   também simplesmente a linguagem que está entre eles e, sim, suas representa es, seus valores investidos no dizer. Assim que o espaço da comunica o   uma constru o intersubjetiva ou, se quisermos, dialógica.

O fen meno da Comunica o, como fen meno humano, traz para a cena algo que subjaz no movimento da rela o de comunica o. Algo não só receptivo, mas agente, cuja disponibilidade   irreduzível   representa o,   linguagem,   cultura... O “eu”   sujeito – eu sou o sujeito – dessa disponibilidade, que  , depois, ocupada quando eu me sujeito na Lei, no Código, na Estrutura de Poder... Em todo caso, esse “eu”, em primeira instância, marca uma diferença, a diferença de um particular, cuja afirma o – na perspectiva deleuzeana – se faz por um estilo. Assim, a afirma o do “eu” se faz por um modo peculiar de agir e de associar-se às outras alteridades que, por sua vez, o singularizam. Assim que, como diz Morin (2006, p. 65), *“cada um pode dizer ‘eu’ para si próprio, não pode diz -lo pelo outro”*. Isso quer dizer que *“o fato de poder dizer ‘eu’, de ser sujeito, significa ocupar um lugar, uma posi o onde a gente se põe no centro do seu mundo para poder lidar com ele e lidar consigo mesmo”* (Id. p. 66).

O eu, que percebe e ajuíza o dado percebido   luz de seus desejos e necessidades, faz a experiência do sentido ‘na’ rela o e, de modo mais pleno, ‘na’ rela o de comunica o. Por isso, como já se disse, não se pode apreender o sentido da vivência humana senão a

partir da e na rede relacional que o subtende e define toda experiência, pois que a experiência está na relação. É assim que Greimas & Courtés (1979) concebem o sentido como estando referido à realização das teleologias do ser humano: sentido é “(...) *o que funda a atividade humana enquanto intencionalidade*”.

A questão do valor bem como a questão das emoções encontra seu fundamento no significado das relações vitais para os organismos considerados. A percepção e a cognição, que um organismo desenvolve do meio ambiente, ficam subordinadas às relações vitais reais, que se devem dar entre corpo e mundo para que a vida se desenvolva e persista. Nesse sentido, a percepção e a cognição nunca vêem o mundo como algo objetivo, de forma desprovida de interesses, diz Alves (1979, p. 34), mas o vêem como mundo-em-relação-à-vida; e, inversamente, o organismo se percebe como vida-em-relação-ao-mundo. Por isso, “*o mundo que o organismo experimenta é sempre resposta a uma pergunta que este lhe dirige*”. Essa pergunta é a pulsão do desejo, que fundamentalmente inquirir o valor, a significação das coisas do mundo para o corpo. O valor é, pois, o tipo de relação que é possível acontecer entre o corpo e o mundo. São significativas as relações que levam o ser ao crescimento, ao seu desenvolvimento. Das outras, a sua postura é a fuga, o afastamento.

3. COMUNICAR É TORNAR-SE

Estamos tentando propor uma concepção de comunicação, que seja entendida como atividade fundante do ser (animal e) humano e, nesse sentido, como força primordial de construção do devir dos seres comunicantes.

Devir é o que ocorre quando se produz encontro, e neles as relações permanecem singulares para cada um, não havendo redução das diferenças a uma identidade comum a dois mas, muito pelo contrário, ocorre uma dupla captura, uma posse, uma mais-valia, jamais uma reprodução ou uma imitação. Dizem Deleuze e Parnet (1977, p. 13):

Não é um termo que se torna outro, todavia cada um encontra o outro, um só devir que não é comum aos dois, pois que eles nada têm a ver um com o outro, mas que está entre os dois, que tem sua própria direção, um bloco de devir, uma evolução paralela. Aí

está a dupla captura, a vespa E (sublinhado pelos autores) a orquídea...

O uso que Deleuze e Parnet fazem da conjunção “E” é fundamental na linguagem da não-justaposição, da não-reunião, da não-subordinação dos sujeitos, um ao outro. “E” não expressa causalidades, apenas encontros. Compreender, portanto, que há um rumo meu, uma escolha e uma ação minhas e um rumo, uma escolha e uma ação sua, e que jamais há ‘um’ rumo ou ‘o’ rumo, ‘a’ escolha e ‘a’ ação a ser feita...

Para a condição humana, não interessa e não se trata de instaurar - simples e exclusivamente - processos de individualização; seria o retorno aos domínios do código genético. O homem é o desenvolvimento de uma intencionalidade rumo a formas singulares de realização. De tal modo que o objetivo básico da cooperação é nos liberar dela própria, isto é, nos liberar de servir ao outro para o devir de nós mesmos. No movimento da dupla captura, o ser ‘consumidor’ é um primeiro grau de ação do sujeito no seu afã de devir. O que a idéia de dupla captura propõe, é a criação de processos e o franqueamento de fluxos de singularização, que somente produzem devir humano nas relações (inter)subjetivas. Lorenz (1969, p. 151) diz que

a personalidade começa precisamente lá onde, entre dois indivíduos, cada um desempenha, no mundo do outro, um papel que não pode ser assumido facilmente por nenhum outro congênere. Dito de outro modo, a personalidade começa lá onde nasce, pela primeira vez, a amizade pessoal.

De tal modo que o ideal da comunicação é sua produção desinteressada, como as simples conversas de bar... tal como propõe a Joseph o personagem Nietzsche, de Yalom (2005, p. 372): *“a relação conjugal só é ideal quando não é necessária para a sobrevivência de cada parceiro”*.

Pensar a reciprocidade da comunicação como busca do outro para a necessidade própria é não só afirmar a natureza social do homem que compreende o ser-com para chegar à realização objetiva do ser si-mesmo, mas é também afirmá-la como a condição necessária do social. É assim que comunicar é preciso, pois, a comunicação não é uma contingência, pelo contrário, é a impulsão do ser que se exprime na busca do encontro com outro, pelo qual ele se torna ser humano.

Nesse sentido, olhando a sua forma física de realização, de processamento, a comunicação pode ser definida (ou tomada) como um ato social mediante o qual se efetua um intercâmbio de informações em ritmos singulares entre comunicantes. Assim que encontrar-se com os demais é a relação essencial que sustenta o desenvolvimento de si, quer seja por agregação, partilha, convivência quer seja por fuga, afastamento, conflitos e luta.

É nesse sentido que deve ser entendida a afirmação de que “*o sentido está na relação*”, porque a relação de comunicação feita torna-se, ela própria, satisfação do desejo e das necessidades, o que garante a possibilidade da fruição - enquanto dinâmica de prazer e dor - dos objetos desejados. A chave do fazer comunicacional são os significados da relação que se desenvolve e seus resultados, que são outros tantos significados. a pessoa pode relacionar-se com outra pessoa; normalmente a relação é feita com os significados que se atribui a essa pessoa... por vezes, os significados nada tem a ver com ela.

Muniz Sodré (1996, p. 18) lembra que “*a relação entre as consciências é garantida pela comunicabilidade do sentido, baseada na propriedade que tem a intencionalidade de se dirigir para um objeto*”; e não pelo fato de que haja transposição de vivências, opiniões ou desejos, do interior de um sujeito a outro.

Quando buscamos definir a comunicação pelo seu sentido mais pleno como, por exemplo, processo de pôr em comum, de estabelecer intercâmbio, de partilhar... queremos enfatizar a excelência da relação, sabendo que a perfeição é o pico de uma estrutura mais rude e mais elementar que, com frequência, se confunde com outros elementos do meio-ambiente.

Concluindo, compreende-se, então, que comunicar, no nível humano, é estabelecer uma relação entre uma pessoa e outra através de um meio material, comumente denominado mensagem, para fazer composição, para partilhar e relacionar-se constituindo e/ou preservando a vida, num movimento de busca do outro. Por isso, o indivíduo é até pensável, mas sozinho é seguramente impraticável, principalmente sob o ponto de vista da sua comunicação e da sua sobrevivência. É só depois do grupo que vem o indivíduo. A unidade de vida humana não é o indivíduo, é o grupo. O que há, são grupos humanos diferentes, distintos, que têm seus encadeamentos sociais, afetivos e culturais: o casal, a

família, a cidade, a igreja, os comunicadores, etc. e aspectos de exercício da individualidade.

Nas considerações das relações de comunicação, portanto, que partem da necessidade de se comunicar com o outro para a sobrevivência, afirma-se que o outro é essencial ao ser pessoal, já no ato fundamental de nascer, e essencial ao seu sobreviver. É a sobrevivência do ser-pessoa que impulsiona ações, DESEJA ações na procura do outro (mãe, pai, parceiro de mesma espécie, etc.) para composições (formação de corpo/sociedade) com vistas a subsistir e desenvolver-se. É nesse sentido que a comunicação é naturalmente recíproca, porque a mensagem organizada é, primeiramente, resposta ao desejo e necessidade do outro, o que estimula no outro a sua captura (apreensão da mensagem como resposta ao seu desejo e às suas necessidades), propiciando o jogo social, a composição de corpos, conjugação de forças, instituição de uma sociedade. E nessa aceitação/captura da mensagem emitida, o primeiro comunicante estabelece relação (de comunicação) com um outro comunicante, a *alter*-idade (do latim *alter* = outro).

O primeiro momento da representação do outro ocorre quando se configura a imagem do outro. Essa imagem se constrói a partir de percepções sensoriais. Quer se trate de ser humano quer se trate de outro ser vivo dotado de percepção, cada espécie vai perceber as formas diferentemente e construir uma imagem segundo as necessidades de sua espécie. Quer dizer, primeiro, há sempre um desejo (em termos deleuzeanos); depois, uma necessidade, que é a expressão operativa desse desejo. Entretanto, claro, no homem, há presente algo mais que somente desejo e necessidade, há também a esperança da realização desse desejo.

É assim que, para comunicar-se, tem-se que definir o outro. A comunicação é uma relação na descoberta do outro (a alteridade sendo aqui aquilo com o que não se está em comunicação, mas com que se estabelece uma relação de comunicação). Porém, como já dissemos acima, o que vai determinar a ocorrência de comunicação é a existência de uma mensagem, onde a matéria seja um valor de vida, uma informação, isto é, o novo compreendido no desvelamento da alteridade. Novo sendo o que ainda não há na relação de comunicação, o diferente que há.

A construção da alteridade humana tem momentos e modalidades diferentes. Considerada ontogeneticamente, Spitz (1966), por exemplo, chama a atenção para o caráter fundamental da percepção do estranho na criança, entre os seis e oito meses, cuja percepção causa momentos de angústia mas, logo passados dias, tais tensões de desagradado passam a servir de “*uma espécie de código de comunicação*”. Já na história, vemos que a definição do outro passa por classificações e diferenciações, que se fazem com as percepções dos sinais diferentes tais como o território, a língua, a cor... daí o ‘bárbaro’, o negro, o estrangeiro, o estranho, os monstros e os demônios... Na verdade, tudo isso funciona como força geradora de novas relações: relações por semelhanças, por agregação, etc. segundo a comunicação seja mais ou menos possível, mais ou menos eventual (de evento, não casual).

NOTAS E REFERÊNCIAS

¹ Trata-se do conceito de comunicação apresentado em “*A Comunicação como Encontro*”(2006, EDUSC), também trabalhado no artigo “Dimensão Humana da Comunicação”, publicado na Revista ‘Sociais & Humanas’ (CCSH/UFSM), v. 19, n. 02, jul./dez. 2005. pp. 09-19.

² Referência à obra de Axel Kahn: “*Et l’homme dans tout ça? Plaidoyer pour une humanisme moderne*”. Paris: Nil Éditions, 2000.

³ A estrutura da informação é o formato original, natural - precedente e fundador - daquilo que se desenvolve - depois, na evolução das espécies - de modo significativo, nos seres vivos que acrescentam os mecanismos coordenadores do movimento e percepção e as sensibilidades (JONAS, 2004).

⁴ Este, deste artigo e concepção nuclear de “*A Comunicação como Encontro*” (vide bibliografia), é um ponto de vista discordante, em sua conceituação básica, das teorias hegemônicas da comunicação. Tem um pouco delas, e freqüentemente as confronta e desvia.

⁵ Atribui-se a Roman Jakobson a consagração das categorias comunicacionais de “Destinador” e “Destinatário” para designar de forma dinâmica os agentes da comunicação, em lugar de E e R, isto é, Emissor e Receptor, que sugerem, o primeiro, um comportamento mecânico e, o segundo, uma conduta passiva.

⁶ Termo que procura exprimir o conjunto de todos os seres vivos que habitam uma mesma área alimentar. Em termos de Teoria da Comunicação, a biocenose circunscreve os limites de códigos que servem a agenciamentos de mensagens.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ALVES, Rubem A. Notas introdutórias sobre a linguagem. REFLEXÃO, Revista de Filosofia e Teologia, PUCCamp, SP, a. 4, n. 13, jan./abr. 1979. pp. 21-39.
- BARROS, Diana L. Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo: Ática, 1997.
- BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. São Paulo: Pontes, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Le Discours d'information médiatique*. Paris: Nathan, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *A Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- _____ & PARNET, Claire. *Dialogues*. Paris: Flammarion, 1977.
- GAMBARDELLA, Agata P. *Le Sfide della comunicazione*. Roma: Laterza, 2001.
- GREIMAS, Algirdas Julien e COURTÉS, Joseph. *Dictionnaire Raisoné de la Théorie du Langage*. Paris: Hachette, 1979.
- JONAS, Hanz. *O Princípio da Vida*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- LORENZ, Konrad. *L'Agression, une histoire naturelle du mal*. Paris: Flammarion, 1969.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- _____ . *O Enigma do Homem, por uma nova antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- PERUZZOLO, Adair C. *A Comunicação como Encontro*. Bauru, SP: EDUSC, 2006.
- _____ . *A Circulação do Corpo na Mídia*. Santa Maria, RS: Imprensa Universitária, 1999.
- QUÉRÉ, L. D'un modèle épistémologique de la communication à un modèle praxeologique, *Reseaux*, Paris, n. 46/47, mar./abr., 1991.
- SODRÉ, Muniz. *Reinventando a Cultura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- SPITZ, René. *El Primer Año de vida del Niño*. Madrid: Aguilar, 1966.
- XIFRA-HERAS, Jorge. *A Informação, análise de uma liberdade frustrada*. Rio de Janeiro: Lux Ltda, 1975.

YALOM, Irvin D. *Quando Nietzsche Chorou*. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 2005.
